

Ensino, arte e participação num território cultural: Aldeia de Carapicuíba - Tantos olhares

Sylvia Adriana Dobry¹

Laboratório Paisagem, Arte e Cultura - LabParc-FAU USP, São Paulo, Brasil

Nídia Nacib Pontuschka²

Geografia na FE USP e Depto Geografia USP. São Paulo, Brasil

Denise Falcão Pessoa³

Centro Universitário Belas Artes, São Paulo, Brasil

Caio Boucinhas⁴

FAU-Anhanguera, São Paulo, Brasil

RESUMO

Uma experiência conjunta foi realizada, em 1997, entre um grupo de alunos de pós-graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e professores, alunos e funcionários da Escola Esmeralda Becker, localizada na Aldeia de Carapicuíba, patrimônio histórico, em São Paulo, Brasil. Sob a coordenação pedagógica da Professora Dra Nídia Nacib Pontuschka e a participação de estudantes da Faculdade de Educação - USP, os objetivos foram: atingir um Estudo do Meio Interdisciplinar, incluindo a arte como eixo principal; reconhecer o local, os moradores, seu cotidiano, seus sonhos; preservar recursos naturais, história, cultura, e também desenvolver um projeto participativo urbano-paisagístico. O entrelaçamento dos diversos processos criativos e seu rebatimento na produção artística individual colaborou para uma reflexão sobre a apropriação, identidade desse território cultural. Expandiram-se horizontes de esperança na preservação histórica e ambiental e criação desses lugares, ratificados pela implantação do projeto do parque – hoje Parque Ecológico da Aldeia de Carapicuíba – embora parcialmente em relação ao projeto original, pela Prefeitura, o que só foi possível pela participação da comunidade.

Palavras Chave: Ensino; Territórios culturais; Arquitetura e Urbanismo; Arte.

ABSTRACT

In 1997 an experiment was carried out by a group of graduate architecture students of FAU-USP, and a group from Esmeralda Becker School teachers in historic patrimony Carapicuíba Village. The objectives were: conduct an Interdisciplinary Environmental Study, which included art as the main axis, which encompassed knowledge of the place and what it might reveal: its residents, their actions in everyday life, their dreams, preserve and restore history, culture and natural resources of the place; develop a design process participatory urban-landscaped. The intertwining of the different creative processes and their effects on individual artistic production contributes to a reflection on the appropriation, recuperation of the cultural identity of the territory. The experience expanded to horizons of hope in the historic and environmental preservation, and creation of these places,

¹.Endereço para contacto sydobry@gmail.com

² *In memoriam*. (1938-2019). Foi profa. Senior da Pós Graduação da Faculdade de Educação - USP e do Depto. Geografia da FFLCH Universidade de São Paulo. Atuou, principalmente, nos seguintes temas: Ensino e Aprendizagem da Geografia, Formação de Professores, Estudo do Meio, trabalho de Campo e Interdisciplinaridade. Na experiência registrada neste texto, destacamos seu papel relevante em todo o processo e nosso agradecimento pelos inesquecíveis ensinamentos.

³ Endereço para contacto denisefpessoa@hotmail.com

⁴ Endereço para contacto cboucinhas@uol.com.br

ratified by the implementation of the park project – today with the Ecological Park name of Carapicuíba Village – although the original design was only partially implemented, its execution was only possible because of the participation of the community.

Keywords: Architecture and urbanism; Participation; University extension; Perception.

Introdução

A Nídia Nacib Pontuschka, “in memoriam”.

Uma experiência conjunta, da qual participamos, foi efetivada em 1997, entre uma equipe de alunos/as de pós-graduação da USP, a maioria da FAU, arquitetos/as, sob a coordenação pedagógica da Profa. Dra. Nidia Nacib Pontuschka, da Faculdade de Educação (USP) e um grupo de professores/as e funcionários/as da Escola Esmeralda Becker Freire de Carvalho, na Aldeia de Carapicuíba, São Paulo e seu entorno, sendo diretora da escola, na época, Maria Helena Scabelo. O trabalho fazia parte da disciplina de pós-graduação “Projeto sensível, projeto tecnológico, suas relações”.⁵

Quando nos foi oferecido a possibilidade de estudar um projeto para Aldeia de Carapicuíba e as mudanças que daí poderiam ocorrer, após a inauguração do anel viário metropolitano, nessa disciplina de pós-graduação da FAU/USP, realizamos uma visita ao local.

Fundada em 1580, a Aldeia de Carapicuíba é um dos 12 aldeamentos jesuíticos que restam do processo de urbanização de São Paulo – criados para proteger essas cidades e domesticar os índios Guaianases⁶. Falava-se a língua geral, ou tupi, desde o início da colonização, em São Paulo, em uma área que concentrava aldeamentos indígenas, com grande densidade de população, em redor da Vila, em 1758, a língua portuguesa foi implantada em São Paulo (Oliveira, 2005, p. 1).

A Avenida Inocêncio Seráfico é remanescente do caminho palmilhado pelos Guaianases que habitavam Carapicuíba, antes da chegada dos colonizadores. Estes índios, desviando-se do caminho de Cotia, desciam até o rio Tietê para pescar e se banhar. –Em suas andanças, aí se estabeleceram, construindo uma taba com suas ocas, germen da atual Aldeia. A bacia de Carapicuíba compreende o ribeirão Carapicuíba e afluentes. A Aldeia de Carapicuíba é um marco arquitetônico e histórico da região metropolitana de São Paulo, caracterizada por construções remanescentes do século XVIII. É patrimônio histórico declarado em 1941 pela Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), avaliado como exemplo único de aldeamento paulista jesuítico.

É um monumento nacional importante, por simbolizar a memória do processo da colonização europeia na América. Seu valor está na organização espacial original (Zahn, Feitosa, & Sawaya, 2000, p.136) (Figura 1). Foi abandonada e, duas vezes, parcialmente destruída, entretanto reerguida no mesmo lugar e:

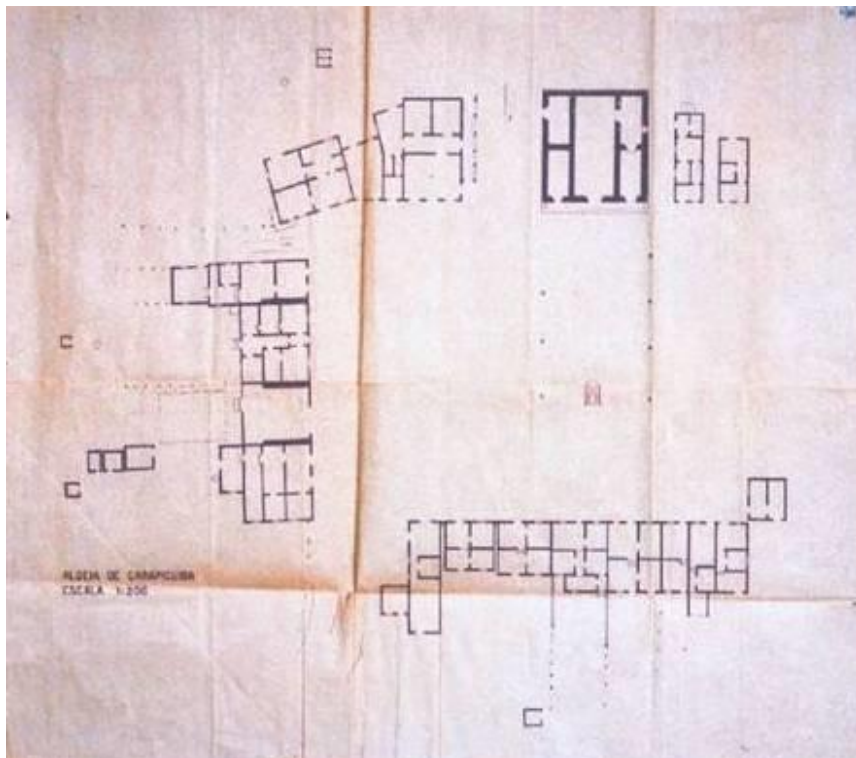
[...] hoje as construções são de taipa de sapo, com exceção da igreja e algumas paredes das casas, que são de taipa de pilão; o pátio, retangular, de chão batido e inclinado como o terreno natural, é dominado pela igreja, que se ergue no meio da lateral mais elevada. Em frente à igreja, um plano horizontal com arrimos de pedra, dez palmeiras jerivá [,,] alinhadas em duas filas, da igreja até o cruzeiro; ao redor do pátio, as casas onde funcionam o posto policial, dois bares, mercearia, frutaria, farmácia, correio, a casa de cultura da Prefeitura, residências e vestibulo de um restaurante. No entorno, mais residências, alguns sítios de fim de semana, três indústrias; à jusante do pátio passa o córrego Anhembi, poluído; ao montante, atrás de muros altos, a área do antigo Sanatório Anhembi, com muita vegetação e águas límpidas. Todas as paredes das casas da Aldeia são caiadas de branco com barra azul-clara e portas e janelas com seus batentes azul-

⁵ A disciplina foi ministrada pelo professor Sylvio Sawaya, com a consultoria do arquiteto Caio Boucinhas, contratado pela prefeitura em 1994, para projetar um parque nesse sítio, e a equipe de alunos/as-arquitetos/as formada por Denise Falcão Pessoa, Ely Ana de Oliveira Araujo, Paulo Chiesa, Regina Cardarelli e Sylvia Adriana Dobry. Também participaram, exceto Paulo Chiesa, na pesquisa sobre a Aldeia de Carapicuíba, realizada no Centro Universitário Nove de Julho, coordenada pela Profa. Dra. Maria José Feitosa, com consultoria do Prof. Dr. Sylvio Sawaia da FAU-USP e a participação, entre outros/as, do Prof. Dr. Carlos Eduardo Zahn, docente dessa universidade e também da FAU-USP, dos/as Profs. Eliana Quartim Barbosa, Luiz Otavio de Faria e Silva, Sergio Torres Moraes e dos arquitetos/as Maria de Lourdes Nogueira, Roberto Mello e Roberto Dantas Araujo.

⁶ Segundo João Barcellos (2007, s/p.), “guaianazes são guaranis”. Disponível in: <http://www.apagina.pt/?aba=7&cat=173&doc=13084&mid=2> data acesso 24/06/2013.

escuros; no pátio, postes, fio elétrico, ônibus, caminhões, carros, bicicletas [...] (Boucinhas, 2005, p.50).

Figura 1. Planta da Aldeia de Carapicuíba (Faccio, 2019, p. 60). Fonte: Secretaria Regional do Iphan do Rio de Janeiro.



A Aldeia nos pareceu silenciosa. Que segredos estariam ocultos naquele lugar perdido da história de São Paulo? Depois de passearmos pelos arredores da Aldeia, procuramos informações. Descobrimos uma biblioteca e a Casa de Cultura, e nos indicaram a escola EEPG Esmeralda Becker (Escola Estadual de Primeiro Grau), onde a diretora nos recebeu. Ela narrou histórias do dia a dia, da vergonha que muitos sentiam por serem considerados descendentes de índios, dos migrantes, das ruas de barro, das crianças, da vontade de crescer, das palmeiras nativas chamadas jervás da praça que lá estavam e não estão mais. Deste modo nasceu a ideia dessa experiência, inicialmente acadêmica e estendeu-se para fora dessa fronteira, abraçando um estudo para a implantação de projeto participativo de revitalização urbana e paisagística do lugar, designado inicialmente como Parque Ambiental Aldeia de Carapicuíba e cujo nome mudou ao ser implantado, trocando-se a palavra Ambiental por Ecológico.

Sob o ponto de vista dos arquitetos alunos da pós-graduação, os objetivos mais relevantes deste projeto, consistiam em:

- Desenvolver um Estudo do Meio interdisciplinar, incluindo como eixo principal a arte.
- Reconstruir e resguardar a história, os recursos naturais e a cultura da Aldeia de Carapicuíba. O que abrangia conhecer o lugar e o que ele poderia revelar: moradores, suas ações no cotidiano e sonhos.
- Realizar um processo de projeto urbano-paisagístico participativo com alunos, professores e moradores da aldeia.

Os objetivos sob o ponto de vista dos professores da EEPG Esmeralda Becker, eram:

- Fazer reflexões e debates entre professores de diferentes matérias, tendo o aluno como principal sujeito.
- Efetivação de um trabalho interdisciplinar, tendo consciência da história local, a partir do Estudo do Meio, que seria base para trabalhos com os alunos da escola.

O trabalho apresenta um estudo de caso, que contribui para interpretar e potencializar a herança cultural brasileira, numa abordagem que se inclui na metodologia qualitativa e participativa.

Participação Urbano-Paisagística, Estudo Do Meio e Arte

Durante a primeira reunião na escola, iniciando as atividades, a Profa. Dra. Nidia Nacib Pontushka discorreu sinteticamente sobre o método do Estudo do Meio, gerado a partir das lutas anarquistas nos primeiros anos do século XX que priorizava a observação direta da realidade, substituindo o aprendizado entre os muros da sala de aula. Permite-se assim a construção de uma configuração de ensino em que todos participam: alunos, diretores, professores, funcionários, pais, moradores e, dessa forma, evita-se que as instituições de ensino sejam percebidas de modo isolado. O Estudo do Meio, como método interativo e interdisciplinar, pode criar esperanças que nos fazem refletir sobre o retorno do projeto à comunidade.

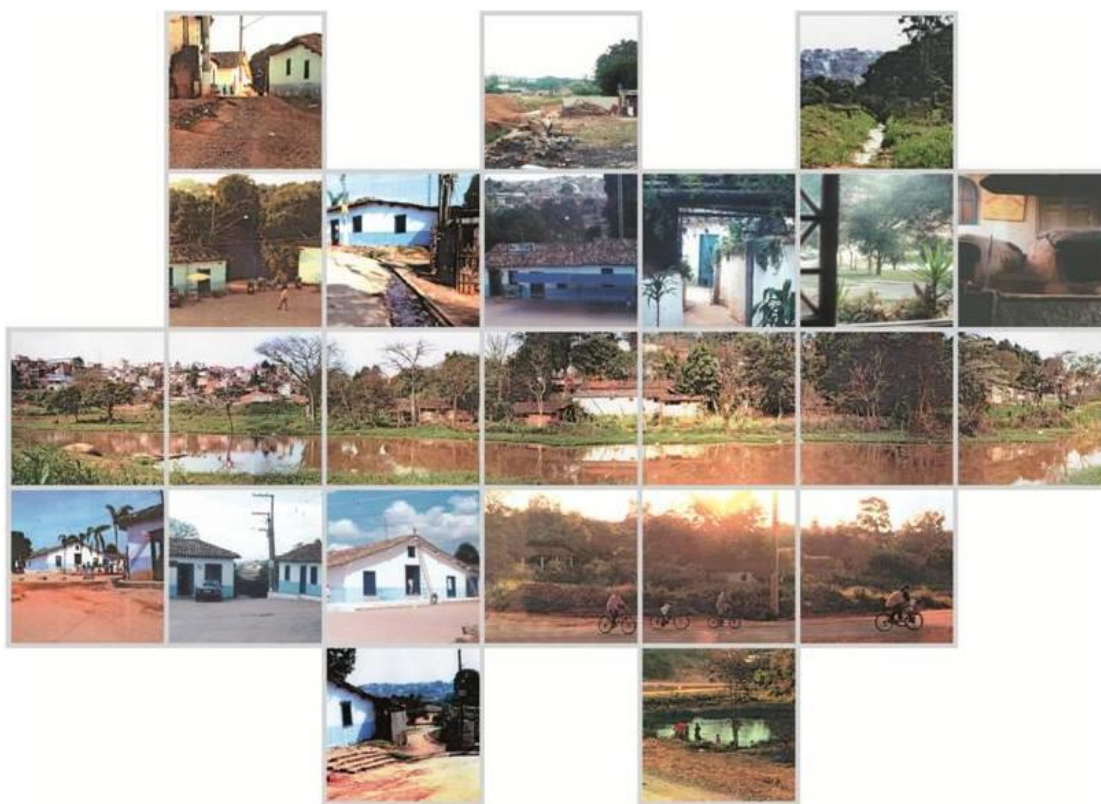
Desse Estudo do Meio, cujo mote principal foi a arte, destacamos especialmente, entre as atividades realizadas, a de *percepção do lugar através do desenho*, da qual falaremos com mais detalhes no decorrer do texto. Como resultado da inter-relação entre as diferentes maneiras de representar dos participantes, nesse contexto, houve transformações no processo criativo artístico individual de um dos autores/as desse artigo, como aquarelista, desenhista e arquiteta. O entrelaçamento dos diversos processos criativos e sua expressão na produção artística individual, do nosso ponto de vista, contribuiu também para uma reflexão mais abrangente sobre os diversos territórios culturais e patrimônios históricos e sua apropriação.

Praticaram-se encontros entre os arquitetos/as participantes, outros/as profissionais, professores/as e funcionários/as da escola ao longo de um ano. Na escola, professores/as e alunos/as realizavam Estudos do Meio, transferindo os conhecimentos interdisciplinares surgidos nas reuniões à sala de aula. As questões do lugar, entendido como território cultural foram surgindo e, entre outras, marcas e lendas da cultura indígena. Esse processo fertilizou a construção do conhecimento, tendo um papel essencial no intercâmbio de papéis – arquitetos/as e usuários/as e aluno/a professor/a (Figura 2 e 3).

Figura 2. Reunião do Estudo do Meio na EEPG Professora Esmeralda Becker, com o historiador convidado, Miguel Costa Jr., morador da região. (Fonte: Dobry-Pronsato, 2005, p.42. Fotos, [1997]: Denise Pessoa, Ely Ana Araújo e Regina Cardarelli).



Figura 3. Aldeia de Carapicuíba e entorno. (Fonte: Dobry- Pronsato, 2005, p.41. Fotos, [1997]: Denise Pessoa, Ely Ana Araújo e Regina Cardarelli).



Realizaram-se atividades artísticas com fins de observação e documentação, a partir das pesquisas de campo, entre as quais, salientamos fotografias de lugares e pessoas entrevistadas, desenhos, aquarelas, maquetes, poesias, processo que alimentou também a criatividade individual de cada um dos participantes. Esses trabalhos foram concretizados pelos participantes do Estudo do Meio, e pelos alunos da escola, orientados por seus professores. O produto dessas atividades foi apresentado em exposições e em diferentes lugares da Aldeia, abertos à comunidade, como devolução à sua generosidade em nos fornecerem dados para a elaboração do conhecimento, tanto da escola como da universidade participantes.

No decorrer do processo, estiveram presentes, a premissa de recuperar sua importância como patrimônio histórico, por ser símbolo das relações iniciais que a colonização portuguesa teve com os moradores indígenas da região, e também o respeito à sensação de fragilidade e delicadeza que a Aldeia evoca.

No tempo dedicado ao desenvolvimento do projeto, procurou-se compreender o significado de uma intervenção urbano-paisagística, ponderando os paradoxos com que nos encontrávamos. Em especial, problemáticas com relação à população local, que poderiam aparecer com a implantação do projeto do parque no lugar. Também, no transcorrer das reuniões, foram colocadas e discutidas as questões do lugar. O arquiteto Boucinhas esclareceu que, em 1994, optou por instalar seu escritório em uma das casas na própria Aldeia, percebendo que conseguiria maior relação com os residentes do lugar e abriria a possibilidade de ter acesso a outros saberes além dos que informam os mapas. Explicou durante as reuniões mensais feitas na escola que:

Há um elo muito forte dos moradores e da vizinhança com a Aldeia; suas relações vão surgindo, há mistérios, estórias sobrenaturais, milagres e há também conflitos quanto ao destino da Aldeia: uns desejam que permaneça intocável, outros que seja um centro turístico nacional, [...]; e outros, ainda, não se incomodariam se ela fosse demolida e a malha urbana vizinha passasse por cima de tudo. Há, também, os que a vêem como área de valor histórico importante que precisa ser recuperada com sensibilidade e respeito: nela não cabe sofisticação, nem lampiões, nem vegetação – é um testemunho de um espaço jesuítico surgido neste lugar, naquele tempo, com funções claras – e hoje precisa que se criem condições para novos usos que a mantenham viva. [...] (Boucinhas, 2005, p.50).

A diretora da escola Maria Helena Scabelo, disse que durante esse processo, também resultaram envolvidos moradores da região interessados em participar, debatendo o assunto e dando opiniões diversas. Organizaram-se reuniões que, depois de um ano, resultaram na criação da Fundação Aldeia de Carapicuíba, da qual participaram, além de arquitetos/as, moradores de diferentes profissões, biólogos/as, pedagogos/as, professores, e também pessoas sem escolaridade. Naqueles anos:

Os meninos utilizam o pátio e seus arredores empinando pipas, jogando pião e bola de gude; os moradores só aos poucos vão confiando, se mostrando e desvendando lugares esquecidos: “aqui tinha uma bica aonde todo mundo vinha buscar água, da boa”; “lá embaixo um lago onde a gente nadava: foram aterrando aos poucos e depois fizeram barracos por cima”. Assim, íamos descobrindo e catalogando caminhos e trilhas já existentes, novas perspectivas; o Pico do Jaraguá aparece inteiro a noroeste a partir dos fundos da Igreja, área mal-assombrada, onde existia o cemitério; lá embaixo corre o Anhembi rumo ao Ribeirão Carapicuíba, na divisa com Osasco, afluente do Tietê. Os afluentes do Anhembi têm matas ciliares sombreando águas que parecem limpas e que surgem através dos altos muros e gradis de condomínios fechados (Boucinhas, 2005, p. 50).

Surgiram no entorno da Aldeia, loteamentos e condomínios fechados com grandes lotes na década de 1960, sendo ocupados por pessoas procurando melhor qualidade de vida: muito verde, silêncio e paz, a 20 km da cidade de São Paulo. Perto da igreja, o antigo Sanatório Anhembi, atualmente, Faculdade da Aldeia de Carapicuíba (FALC) estava na época:

[...] abandonado com seus 120.000 m², é um lugar de aventuras; pelo buraco do muro temos acesso a um mundo mágico de águas puras, nascentes, vegetação exuberante, escadarias, caminhos, monumentos, capela e edifícios em ruínas. E, também, de tráfico de drogas (Boucinhas, 2005, p. 50).

Após 1997, a Aldeia cruzava um rápido processo de deterioração e presumia-se que receberia intensos impactos a partir da construção do Rodoanel Metropolitano, cuja locação estava em debate, em diferentes instâncias. Havia esperança sobre a atuação dos poderes públicos para a restauração das casas da Aldeia, o estabelecimento de um parque no seu entorno e a valorização das suas tradições culturais – danças, cantos, violeiros, festas, ações que fazem parte de um território cultural.

Durante esse processo, que entrelaçava os vários níveis de ensino e disciplinas, fomos refletindo e apropriando-nos da história dessa aldeia e de seu valor como patrimônio histórico, tal como de seus problemas sociais e ambientais, que são próprios das periferias das grandes cidades da América Latina (Figura 4).

Figura 4. Perspectiva da Aldeia de Carapicuíba, realizada por Luís Saia (1938), que fez o primeiro estudo sobre a Aldeia durante a gestão de Mario de Andrade. (Fonte: Andrade [2006, p. 24], apud Faccio, 2010, p. 60).



É importante esclarecer algumas ideias em relação à cultura e à arte, por compreenderem o tema proposto para reflexão neste artigo.

Registros, Vivências e Poéticas

As palavras cultura, culto e colonização têm a gênese etimológica que deriva

[...] do mesmo verbo latino *colo*, cujo particípio passado é *cultus*, seu particípio futuro, *culturus*. *Colo* significou, na língua de Roma, eu moro; eu ocupo a terra; eu trabalho; eu cultivo o campo. Um herdeiro antigo de *colo* é *incola*, o habitante; outro é *inquilinus*, aquele que reside em terra alheia (Bosi, 1992, p. 11).

Segundo o autor, existe também outra relação etimológica: *agrícola*, relacionada com trabalho, mostrando desde sua origem uma relação entre cultura e trabalho, o que leva a refletir sobre a pintura, a arquitetura e urbanismo e a arte em geral, como parte da cultura, são também compreendidas no trabalho.⁷ Bosi (1992, p.11) afirma que o verbete latino *colo*, do qual deriva a palavra cultura, anunciava noções de tempo, espaço e movimento, basais nas artes plásticas, na arquitetura e urbanismo. Tal termo acentua a relação de um sujeito com um objeto, no que diz respeito à ação do arquiteto urbanista para um lugar, também considerado como território cultural e do desenhista, ou aquarelista, que alimenta sua criatividade em essa relação de espaço, tempo e movimento.

Por outro lado, *colo* é matriz de *colônia*, que exprime: “espaço que se está ocupando; terra e, também, povo que se pode trabalhar e sujeitar”, (Bosi, 1992, p. 11). A frase, “povo que se pode trabalhar e sujeitar”, do mesmo autor, resume a reflexão realizada em torno à ideia de cultura de massas, de colonização e dominação, implícita na Aldeia de Carapicuíba, vista como território cultural.

Em volta da gênese do termo cultura, interessa lembrar que a palavra latina *colo*, também significava “garra de atividade e poder imediato”, o aqui e agora, e *cultus* refere-se ao passado: “é sinal de que a sociedade que produziu seu alimento já tem memória” (Bosi, 1992, p. 13). Isto leva a pensar na importância da recuperação da memória dos lugares históricos vistos também como territórios culturais, ao contribuir para a:

[...] sua conformação, por meio de suas ações cotidianas tem, muitas vezes, um sentimento de não pertencimento a seus lugares de vida, como parte, em minha visão, da alienação gerada, em última instância, pela economia política que prioriza o valor de troca desses lugares sobre o seu valor de uso (Dobry-Pronsato, 2005, p. 138).

Descobrem-se em *cultus* duas definições: na primeira, o sentido de culto: ritual feito em honra dos antepassados; enterro dos mortos; o que se trabalha sob a terra, e a segunda alude a cultivado, o que foi trabalhado sobre a terra. Ao vincular os “dois significados desse nome-verbo que mostra o ser humano preso à terra e nela abrindo covas que o alimentam vivo e abrigam morto” (Bosi, 1992, p. 14 e 15), nasce a possibilidade de enraizar no passado a vivência presente da comunidade que se ergue através de mediações simbólicas, como: pintura, música, canto, gesto, dança, escultura, oração, fala que evoca e fala que invoca.

Nesse sentido, o Estudo do Meio, cujo carro chefe era a arte, permitiu recuperar memórias de lendas indígenas retidas por transmissão via oral, a vivência da dança de Santa Cruz, que deram inspiração à poesias das crianças, desenhos, maquetes, etc. Este processo de restauração da memória, se realizou primeiro nas reuniões conjuntas entre o grupo da pós graduação da USP com a direção, professores/as e funcionários/as da escola, e depois por estes, através dos relatos de avós e pais dos alunos/as, e que foram apresentadas em exposições aos moradores em diversos lugares da Aldeia.

Recuperando o sentido de cravar no passado o presente de uma comunidade, as festas tradicionais na Aldeia de Carapicuíba mesclam elementos da cultura religiosa católica, negra e indígena.

Aí, todos os anos, em maio e outubro, se realizam as festas tradicionais da Aldeia e aí, também, saem e chegam as romarias a cavalo para Santana do Parnaíba e Aparecida. As festas são feitas de cantorias, danças e comilança – a feijoada do sábado e a canja para os violeiros e seus acompanhantes na última madrugada (Boucinhas, 2005, p.49).

A Associação dos Moradores, fundada em 1996:

[...] se anima nas proximidades das festas; as músicas, as cantorias, as danças são aprendidas nos ensaios para as festas, enquanto são montados o pau-de-sebo e o mastro de São João. No começo da noite o movimento de caminhões, carros, ônibus vai rareando, a iluminação elétrica é

⁷ O arquiteto e artista plástico Ubirajara Ribeiro, dizia nas suas aulas: “o importante é tentar fazer um trabalho sério, de qualidade e honesto; às vezes, este trabalho resulta em obra de arte”.

deficiente; o pátio vai entrando num clima mágico, de mistério e calma. Parece um lugar muito longe da agitação metropolitana (Boucinhas, 2005, p.50).

O termo cultura, com o processo de urbanização, adequou também o sentido de condição de vida mais humana, medianamente consciente, por todas as classes e grupos, cujo sentido se mantém até hoje: “cultura é o conjunto das práticas, das técnicas, dos símbolos e dos valores que se devem transmitir às novas gerações para garantir a reprodução de um estado de coexistência social” (Bosi, 1992, p. 16).

Essa ideia coexiste com outro conceito de cultura, vista como consciência do presente com graves desequilíbrios, sugerindo a criação de alternativas para um futuro melhor, como afirma Bosi (1992, p.16).

O processo de urbanização, porém, inclui deslocamento das pessoas, o que contribuiu para apagar a memória na Aldeia. Recuperá-la é tarefa cultural que forma o elo entre passado, presente e futuro. Nesse sentido, no contexto da experiência descrita, um dos professores de português, Valdomiro Rolim da Costa, realizou um belo trabalho de poesia com alunos da 6ª série, dando voz a essas crianças e jovens. Entre outras, destacamos:

1-Aldeia que se originou das cinzas dos índios.
Quase ninguém liga, que desespero!
Uma paisagem onde não se vê quase nada.
Uma aldeia perdida no ar da ignorância humana.

2- Casa em volta de Coqueiros
Coqueiros em volta do cruzeiro
Vazia esta a praça sem som, não tem graça.

3- Que lugar é esse tão calmo,
tão vazio, tão sem cor?
Um lugar que muitos passam,
olham e vão embora.
E quando param, o que fazem?
Sentam e olham o movimento.
Que movimento?
Ah! Ninguém sabe explicar
Pois esse movimento é rápido e silencioso.
Um movimento que muitos quase não percebem.
Ah! Que lugarzinho sem graça,
Mas sem graça é essa praça.

Desde o começo do século XVI, a atenção que a ideia de cultura dava para o crescimento natural, estendeu-se ao processo de desenvolvimento humano, que junto ao significado de lavar a terra, foi o sentido principal até inícios do século XIX, mais usado como metáfora (Williams, 2003, p.88.).

Bosi e Williams demonstram que mudanças importantes se produziram na transformação da palavra cultura, entre outras, a metáfora que se fez habitual. “A partir do século XVIII aproximam e, às vezes, fundem-se as noções de cultura e progresso”, segundo Bosi (1992, p.17).

Cultura supõe uma consciência grupal trabalhadora que desentranha da vida presente e do passado os planos para o futuro; nesse sentido de projeto está implícito o mito de Prometeu, que arrancou o fogo dos céus para mudar o destino material dos homens (Bosi, 1992, p.17).

Se por um lado, aculturar um povo se exprimiria em sujeitá-lo ou, adaptá-lo a certo padrão adequado para alguns interesses, por outro, “alguns traços formadores da cultura moderna, traços mais evidentes a partir da Ilustração, conferem à ciência, às artes e a filosofia um caráter de resistência, ou de possibilidade de resistência, às pressões estruturais dominantes em cada contexto” (Bosi, 1992, p.17). E é a partir disso que a professora Nidia Nacib Pontuschka disse, no transcurso da experiência: “Este Estudo do Meio tem a arte como carro chefe”, já que a arte em geral é pouco valorizada no currículo escolar. Isto ocorre tanto nos níveis de ensino primário, secundária quanto no ensino universitário, especialmente nos casos de cursos de graduação de Arquitetura e Urbanismo, nos que muitas vezes, se há diminuído a carga horária e até desaparecido por completo em alguns casos, disciplinas tais como Desenho a mão livre ou Plástica.

Como dito anteriormente, entre as atividades do Estudo do Meio, incluía-se as oficinas de percepção do lugar através do desenho. Em decorrência dessas, houve alterações no processo criativo artístico individual, fruto do diálogo entre as diversas formas de expressão de cada participante. O entrelaçamento dos variados processos criativos e sua

incorporação na criatividade individual colabora para pensar sobre a recuperação e formação da identidade de um lugar considerado patrimônio histórico.

Tendo formação em arquitetura, disciplina em que a representação do real se faz importante com vista à construção de um lugar futuro e concreto, minha maneira principal de expressão era a perspectiva a mão livre. Não pretendia, nas oficinas que orientei no contexto desta experiência, ensinar a desenhar. Apenas incentivar a exploração do espaço do desenho: abrir um pouquinho a cortina que cobre a janela para o mundo, ajudar a descortinar, a desvendar (Dobry-Pronsato, 2013, p. 130)

No processo do Estudo do Meio, um dos acontecimentos importantes, é “a saída a campo”. Para isto, formávamos pequenos grupos, nos quais cada participante cumpriria diferentes funções. Levamos material de desenho à mão livre para cada um dos participantes: papel sulfite A4, lápis de desenho de grafite macio, lápis de cores. Quando chegamos com esses instrumentos de desenho, muitos dos professores ficaram cativados, “sentindo-se artistas”. Colocou-se como primeiro desafio não usar régua, o que provocou certa estranheza, mas foi aceito sem muita resistência.

Sáimos da escola, de altos muros e pátio totalmente cimentado, sem jardim, mas extremamente acolhedora. Era um dia ensolarado, todos estavam com roupas confortáveis para fazer uma caminhada e um reconhecimento do lugar. Partíamos em excursão, levando pranchetinhas e, alguns, com câmaras fotográficas. Caminhamos pela rua que liga a escola à praça e paramos em frente a uma árvore de flores laranja, a espatódea, e um dos arquitetos, paisagista e conhecedor de vegetação, explicou que essas flores matavam abelhas. Identificamos jerivás, ligustros, bananeiras, árvores de antigas chácaras, como a castanheira portuguesa e observamos construções irregulares perto da igreja. Ao chegar a praça, com uma cruz no centro e a igreja, a saída a campo transformou-se em oficina de percepção.

Formas de resistência à alienação: Apropriação de lugares e de expressões

Ao desenvolver uma atividade criativa, como o desenho, experimenta-se um momento de introspecção. É um tempo para si, de reflexão sobre si mesmo e o mundo, expressam-se sentimentos e pensamentos. Este é o tempo que o cotidiano da vida atual, na correria, na pressa e na concorrência pela eficácia, quase fez desaparecer. Esta falta de tempo próprio se relaciona diretamente com a falta de vivenciar e olhar a cidade, o lugar ao qual se pertence, o lugar pelo qual se transita. Pensando o lugar como uma pausa no movimento, (Tuan, 1980, p. 6), na qual é possível gerar sentimentos que valorizam e criam o sentido do lugar, e à medida que se o conhece melhor, assumimos sentidos para a vida, permitindo, num constante reconhecimento, a sua identidade. Esse sentimento de afetividade em relação ao lugar convida as pessoas a agirem sobre o meio ambiente circundante.

Durante esse processo de construção de conhecimentos e de significados, pensamos que desenvolver a percepção do lugar, em especial, quando se trata de patrimônio histórico, seja um objetivo importante, e para concretizá-lo, é necessário que a escola, entre outras instituições, dedique mais tempo e abra mais espaço às artes, que favorecem a construção do olhar. Dessa forma, contribui-se no desenvolvimento do ser criativo, também visto como ser social, sujeito protagonista da história, ser pensante, crítico, que possa assumir com liberdade o desejo de um ambiente e de uma vida melhor.

O objetivo dessa oficina não era a produção de obras de arte, nem o aperfeiçoamento artístico dos participantes, era uma vivência de curto tempo que permitisse uma abertura à percepção do lugar por meio do desenho possibilitando a abertura desse espaço para que pudessem senti-lo como próprio, ter o direito a transitar pelos caminhos da arte, do ponto de vista do conceito ampliado dela, conceituado por Beuys. A oficina tinha a finalidade de abrir espaço para pessoas que, na sua maioria, pouco vivenciava a arte.

Chamou-nos a atenção o modo de desenhar desses professores que, por muitos anos, tinham ficado distantes do desenho. Vários autores sinalizam que o adulto que parou de desenhar, por exemplo, aos 10 anos, quando volta a fazê-lo, ainda que tivesse 40 anos, desenharia como se tivesse 10, mas ao apropriar-se novamente dessa expressão, em pouco tempo seu desenho cresce e amadurece.

Produzia-nos certo estranhamento ao observar alguns desenhos realizados como se o desenhista estivesse voando, vendo a praça desde cima, quadrada, e não desde o chão, em cuja visão o quadrado se transformaria numa figura trapezoidal. Isto trouxe a lembrança de Piaget, explicando que a criança desenha o que sabe que existe, e não o que vê. De maneira similar, os professores, adultos, desenhavam a praça quadrada, sabem que é quadrada, ainda que não a vejam quadrada; desenhavam com a mente, imaginavam o que sabem sem notar o que está à sua frente.

A cruz no meio da praça não era desenhada a partir do ponto de vista. Desenhava-se em vista frontal. Casas e igreja, quando vistas de cima, coerentemente com a visão assumida para a praça deveriam ser desenhadas a partir dos telhados. Porém, haviam provocado um movimento de rebatimento para mostrar as fachadas, sem profundidade. Os lados pareciam não existir: o desenho expressava uma mistura de posicionamentos do observador, de acordo com outra lógica: a importância dada aos elementos em sua relação com o conjunto. Também se notava que a proporção não atendia à realidade física. Nesses desenhos de aparência infantil, a dimensão simbólica cobrava uma importância maior. Em muitos desenhos, a igreja aparecia enorme, enquanto as casas enfileiradas em volta da praça pareciam

pequenas formiguinhas, muito mais do que uma rápida contagem verificaria. A curiosidade e o diálogo que se estabeleceu, levaram-nos a valorizar e a pensar sobre esses desenhos como modo de expressão (Figuras 5 a 9).

Desde a adolescência, minha trajetória encaminhou-me ao desenho de observação à mão livre e meu trânsito pela arquitetura e urbanismo reforçou essa forma de expressão, onde a perspectiva como técnica tem um peso importante. Acho que para cumprir determinados objetivos, esta técnica é válida e não pode ser descartada, em especial no âmbito da criação de lugares, ou outras formas de arte, como esculturas, cenografias, etc.

Nesses casos, a representação pode ser considerada como mediação entre o imaginário e a realidade que queremos criar. Desde meu ponto de vista, é importante destacar que existe uma profunda inter-relação entre o processo de criação e a representação da ideia. É esta última que possibilitará a evolução da ideia projetual, seu desenvolvimento e câmbio para a realidade. Para o arquiteto, o desenho à mão livre, o croqui, longe de ser somente a ilustração da ideia, tem um papel formativo inserido no processo de construção da idéia (Dobry-Pronsato, 2013, p. 132)

A perspectiva a mão livre é uma das linguagens, entre as muitas formas de representação na arquitetura e urbanismo, com a intenção de comunicar mensagens, mas esta representação transforma-se significativamente, no caso se trate de um artista plástico ou de um arquiteto urbanista.

É por este motivo que se considera que o desenho do arquiteto urbanista, do paisagista, do escultor, do desenhista industrial, entre outros, tem um compromisso com a realidade que também é física. Tem uma dimensão que, mesmo que seja subjetiva, diz respeito mais ao objeto em si mesmo, tratando de captá-lo como ele é, diferenciando-se de uma fotografia. Aqui o desenho é um meio para uma criação tridimensional (Dobry-Pronsato, 2013, p. 133)

Em contrapartida, o desenho de um artista plástico, na pintura, na gravura, entre outras categorias artísticas, tem por desígnio principal expressar e comunicar, especialmente, suas emoções.

Neste caso, trata-se de uma criação artística bidimensional. Às vezes, as regras da perspectiva são propositadamente distorcidas para conseguir comunicar determinadas sensações. Decidi, no contexto do estudo do meio realizado na Aldeia de Carapicuíba, em conjunto com os professores da EEPG Esmeralda Becker, experimentar outras maneiras de expressão, deixando de lado as regras da perspectiva. Podia me dar “ao luxo” de me expressar livremente: Eram trabalhos que demandavam minha subsistência interior. Assim, ao mesmo tempo em que postulava a recuperação do desenho como maneira de se apropriar do lugar, operava-se em mim, outra maneira de expressar esta apropriação. O contato e diálogo com outras formas de expressão permitiram-me trazer à tona visões subjetivas memórias, narrativas, simbologias, medos e sonhos (Dobry-Pronsato, 2013, p. 133)

Figura 5. A festa na Aldeia de Carapicuíba, aquarela sobre tela, de Sylvia Dobry, 1997. Tamanho original 0.40 x 0.30m.



Figura 6. Igreja da Aldeia de Carapicuíba, aquarela de Sylvia Dobry, 1997. Tamanho original, 0.64 x 0.45 m.



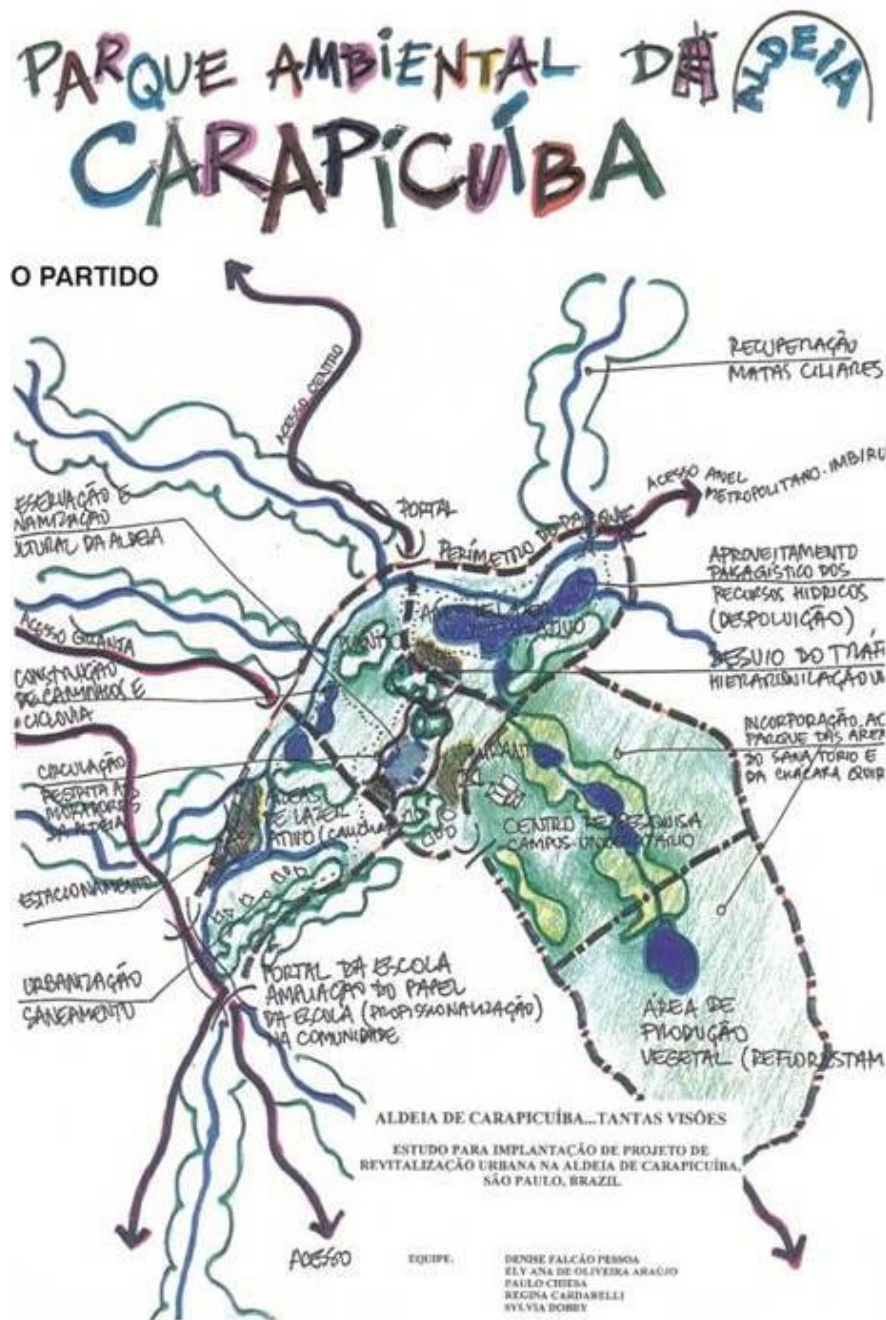
Figura 7. Aldeia de Carapicuíba, aquarela sobre papel de Sylvia Dobry, 1997. Tamanho original 0.43 x 0.30 m



Figura 8. Quadrilátero na Aldeia de Carapicuíba, aquarela de Sylvia Dobry, 1998. Tamanho original 0.51 x 0.34 m.



Figura 9. Estudo Preliminar (1997).



Destaca-se que o processo descrito contribuiu para o desenvolvimento do projeto de autoria do arquiteto Caio Boucinhas, iniciado em 1994 e implantado pela Prefeitura de Carapicuíba em 2004, com o nome de Parque Ecológico Aldeia de Carapicuíba e do qual se falará a seguir.

Parque Ecológico Aldeia de Carapicuíba: Projeto e Implantação

No projeto do parque harmonizaram-se os recursos naturais e a ocupação humana, considerando, a Aldeia Jesuítica de 1580 como as residências nas áreas das nascentes. O projeto seguiu as seguintes premissas:

- Enfatizar o parque no entorno da Aldeia de Carapicuíba como cinturão protetor do patrimônio histórico e sua valorização, preservando a eleição original do sítio;
- Restaurar as edificações tombadas da Aldeia;
- Vincular o parque público com a área rica em recursos naturais – flora, fauna, recursos hídricos – da grande chácara murada, onde estava sendo implantado, um centro universitário.

- Abrigar atividades de turismo gastronômico, histórico, cultural (*ateliers* de arte, educação artística, capoeira, maracatu, esporte);
- Incentivar a percepção do pedestre idealizando caminhos que conectem o ambiente histórico cultural com o ambiente natural.

Durante os levantamentos e diagnósticos, vistorias e passeios com moradores, brotaram histórias de um antigo lago, nascentes de onde tiravam água para beber. Foi combinado com moradores e técnicos que as casas próximas às nascentes deveriam ser retiradas, e o projeto contemplou a realização de dois lagos. Porém foi executado até 2016 apenas o lago da nascente, e não o que aproveitava a água do córrego e abrigava um deque, palco de um teatrinho/cinema ao ar livre, que se desenvolvia no suave talude existente, levando em consideração a topografia.

Em relação ao projeto de plantio, predominaram árvores nativas, preservando as árvores existentes, de origem portuguesa, que foram reconhecidas na etapa de diagnóstico, como por exemplo, os pés de castanha portuguesa (*Castanea sativa*), testemunhas do período de colonização.

Foram executados, do projeto proposto: o piso do pátio central da Aldeia, com a drenagem de águas pluviais, o trecho sul do parque, a casa das atividades educativas e culturais – anexada a uma edificação tombada –, algumas trilhas, parte da vegetação prevista.

Ainda que seu projeto original tenha sido executado parcialmente, hoje, em 2016, o parque, considerado “imenso” por seus frequentadores, possui capacidade para 80 mil pessoas, tornando-se o principal local de diversão e recreação da população. Contém ciclovias, *playground*, praça de eventos e pistas para caminhadas, que passam dentro de bosques ao redor do lago, mesas, bancos, churrasqueiras em lugares agradáveis para acomodar da melhor maneira os frequentadores. O espaço também é aberto para o comércio de vendedores ambulantes e para os artesãos da região expor seus trabalhos. Além disso, são armadas barracas de lanches, frutas, caldo de cana e outros alimentos (Figuras 10 e 11).

Figura 10. Anteprojeto para o Parque Ecológico Aldeia de Carapicuíba. Desenho de Caio Boucinhas, 1994.



Figura 11. Trecho do parque implantado. Foto: Caio Boucinhas, fev. 2005.



Considerações Finais

Esta experiência permitiu revelar o lugar, muitas vezes oculto, a cada um dos participantes.

Para professores/as e funcionários/as da escola significou descobrir o lugar cotidiano, sentidos mais profundos e valores culturais, o que possibilitou contribuir para a sua inserção na comunidade, e expandir horizontes de esperança na preservação e criação desses lugares.

Para os/as arquitetos/as participantes, significou estabelecer uma experiência de projeto arquitetônico paisagístico participativo, um diálogo com os verdadeiros usufruidores do lugar, entender suas aspirações e sonhos, abrindo a possibilidade da criação de lugares significativos, integrados ao cotidiano e, ao mesmo tempo, legíveis.

Na expressão particular artística, exprimiu a possibilidade de ampliar maneiras de expressão, o que significou maior liberdade de criação.

No caso apresentado se contemplaram três premissas: a arquitetura é um campo de caráter prioritariamente social; seu ensino deve partir da análise da sociedade e suas necessidades; sua gestão deve ser democrática e participativa, que corresponderam às experiências inovadoras de ensino de arquitetura e urbanismo dos anos 1960-70. Porém, esta experiência, como outras atuais que respondem a estas premissas, em geral, estão relacionadas à extensão universitária, e/ou dentro do currículo formal, em disciplinas isoladas ou com poucas inter-relações. Por isto, desde o ponto de vista do ensino de arquitetura e urbanismo, área considerada também como arte, encontrar lacunas para que ela possa cumprir um papel reflexivo e ativo, foi uma proposta interdisciplinar, desenvolvida na Aldeia de Carapicuíba. Não é possível ignorar que “a arte se move no interior de um sistema que produz a alienação”. Nessa contradição complexa, a presença da arte simboliza pontes a horizontes mais extensos de reflexão, percursos que possam provocar-mudanças internas nas pessoas que por eles transitam. O trabalho com a arte, a percepção e o desenho podem ser um dinâmico recurso que transforma aquele que vê e o que é visto, ao mesmo tempo. Do mesmo modo que o ato de desenhar acentua o olhar e contribui para a educação da própria sensibilidade. Desenhar um lugar, sob diferentes miradas, aprimora a percepção das relações espaciais, ampliando as possibilidades para se refletir sobre a dinâmica social e histórica ali impressa.

Atividades relacionadas à criatividade e arte podem possibilitar o estabelecimento de reciprocidades com a paisagem, aprofundando a relação cognitiva com os lugares. Nestas ações coletivas, o uso de linguagens artísticas entre os participantes, proporciona a abertura das maneiras como os lugares são apreendidos e ao mesmo tempo contribui para o desenvolvimento das possibilidades de agir sobre estes espaços e sobre suas representações. Na nossa visão, isto é importante, no intuito de alargar e aprofundar as possibilidades de criação de lugares significativos, legíveis e integrados ao cotidiano.

Ampliaram-se horizontes de esperança na preservação histórica e ambiental, e criação desses lugares, sancionados pela implantação do projeto do parque – hoje com o nome de Parque Ecológico da Aldeia de Carapicuíba o que só foi possível pelo envolvimento direto da comunidade.

Referências

- Anderson, P. (1999). *As origens da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar.
- Barcelos, J. (2007). Os Jesuítas na Terra dos Brazis. *Revista A Página da Educação*. Nº 173. Ano 16. Dezembro. Disponível em: <http://www.apagina.pt/?aba=7&cat=173&doc=13084&mid=2> data acesso 24/06/2013.
- Bosi, A. (1992). *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras
- Boucinhas, C. (2005). *Projeto participativo na produção do espaço público* (Tese de Doutorado não publicada). FAU-USP, São Paulo, Brasil.
- Burnichon, M. S. (2005). Entrevista realizada em junho de 1996 e publicada no suplemento digital da *Revista “La Educación en nuestras manos”* (Nº 23; septiembre), del Sindicato Unificado de Trabajadores de la Educación de la Provincia de Buenos Aires. Disponível em <http://haciendorondas.blogspot.com.br/2015/09/ensinar-es-aprender-escuchar-by-maria.html> acesso em: 27/11/2017.
- Burnichon, M. S. (1997). *Decires. “Decires”*. Córdoba: Narvaja Editor.
- Dobry-Pronsato, S. A. (2005). *Arquitetura e paisagem: projeto participativo e criação coletiva*. São Paulo: Annablume/ Fapesp/Fupam.
- Dobry-Pronsato, S. A. (2013). Aldeia de Carapicuíba: Tantas miradas. *Revista Arte e Cultura da America Latina/ Sociedade Científica de Estudos da Arte*, 29.
- Faccio, N. B. (2010). A Aldeia Carapicuíba e sua resolução de tombamento. *Topos*, 4(2). Disponível em <http://revista.fct.unesp.br/index.php/topos/article/viewFile/2255/2064>. Acesso em: 26 jun. 2014
- Lima, Mayumi W. de S. (1989). *A cidade e a criança*. São Paulo: Nobel.
- Merleau-Ponty, M. (2004). A dúvida de Cézanne. In: _____. *O olho e o espírito* (Trad. Paulo Neves e Maria E. Galvão Gomes Pereira). São Paulo: Cosac & Naify, (Texto original publicado em 1942).
- Merleau-Ponty, M. (1994). *Fenomenologia da percepção* (C. Moura, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Texto original publicado em 1945).
- Merleau-Ponty, M. (2004). *O olho e o espírito* (Trad. Paulo Neves e Maria E. Galvão Gomes Pereira). São Paulo: Cosac & Naify. (Texto original publicado em 1960).
- Oliveira, M. de. (s/d). *Para a história social da língua portuguesa em São Paulo: séculos XVI-XVIII*. Disponível em <http://dlcv.fflch.usp.br/sites/dlcv.fflch.usp.br/files/maril011.pdf> Data acesso: 14 /08/2019.
- Pontuschka, N. N. (2001). *Ousadia no diálogo, interdisciplinaridade na Escola Pública*. São Paulo, Brasil: Edições Loyola.
- Rodrigues, J. (2002). Joseph Beuys um filósofo na arte e na cidade. *Millenium- revista do ISPV*, 25. Disponível em <http://repositorio.ipv.pt/bitstream/10400.19/642/1/JOSEPH%20BEUYS.pdf> acesso 24/11/2017
- Stachelhaus, H. (1980). *Joseph Beuys*. Barcelona: Ed. Parsifal.
- Tuan, Y. F. (1980) *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: Ed. DIFEL.
- Williams, R. (2003). *Palabras- clave: un vocabulario de la cultura y la sociedad*. Buenos Aires: Ed. Nueva Visión.
- Zahn, C. E., Feitosa, M. J., & Sawaya, S. B. (2000). Aldeia de Carapicuíba: estudo histórico, arquitetônico e urbanístico do único aldeamento jesuítico paulista remanescente. *Revista ECCOS*, 001(02).

Videos

- Pontuschka, N. N. (2000). Material de arquivo, Depoimento gravado em 2009, quando sas comemorações de 40 anos da FEUSP e 50 anos da Edcola de Aplicação. Comunicação e Mídia FEUSP=Homenagem à Professora Nídia Nacib Pontuschka, disponível em <http://www4.fe.usp.br/homenagem-a-professora-nidia-nacib-pontuschka> Data acesso: 15 /08/2019.
- Entrevista com a Profa. Dra. Nídia N. Pontuschka. (2017). Trabalho realizado pela Pós-Graduação da Faculdade de Educação da USP do curso de Educação Ambiental Interdisciplinar. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=tsaSu3sej_l Data acesso: 16 /08/2019.